

PSICOLOGIA FENOMENOLÓGICA EM EDMUND HUSSERL: ASPECTOS INTRODUTÓRIOS DE UMA NOVA PSICOLOGIA

Phenomenological psychology in Edmund Husserl: introductory aspects of a new psychology

Miguel Augusto Gonçalves¹

Dilson Brito da Rocha²

¹Aluno do curso de Psicologia das Faculdades Integradas de Bauru – FIB miguel.augon@gmail.com

²Orientador e Docente do curso de Psicologia das Faculdades Integradas de Bauru – FIB
dilsondarocha@gmail.com;

Resumo

Este trabalho apresenta uma exposição introdutória da Psicologia Fenomenológica de Edmund Husserl, entendida como disciplina rigorosa que busca restituir à ciência seu fundamento originário na experiência vivida. Partindo da crítica husserliana à crise das ciências modernas, argumenta-se que a psicologia, ao assumir a vida psíquica como dado natural e evidente, incorre na mesma ingenuidade metodológica que marca o positivismo, perdendo a reflexão necessária sobre suas próprias condições de possibilidade. A fenomenologia, por meio das reduções eidética e fenomenológico-transcendental, retorna à vivência enquanto núcleo constitutivo de sentido, permitindo distinguir objeto físico e objeto percebido e estabelecendo a intencionalidade como estrutura fundamental da consciência. Nesse contexto, Husserl diferencia vivências psíquicas e espirituais, recusando a psicologia como “ciência do espírito” e definindo-a como descritiva-reflexiva dos atos da consciência. Nas Considerações Finais, discute-se a frequente tentativa contemporânea de converter a psicologia fenomenológica em teoria psicológica ou abordagem psicoterapêutica, o que produz reducionismos conceituais e usos anacrônicos da filosofia, como se Husserl propusesse sua fenomenologia com fins clínicos. Ainda que autores como Binswanger, Jaspers e outros tenham estabelecido diálogos rigorosos entre clínica e fenomenologia, Husserl não concebe a psicologia fenomenológica como técnica de intervenção, mas como etapa de uma investigação maior sobre a subjetividade transcendental. Conclui-se que, embora distinta da psicologia moderna e da clínica, a psicologia fenomenológica husserliana pode oferecer contribuições essenciais à psicologia enquanto ciência e profissão, desde que levada a sério em seu rigor filosófico e metodológico.

Palavras-Chave: Fenomenologia; Psicologia Fenomenológica; Husserl; Crise.

Abstract

This work presents an introductory exposition of Edmund Husserl's Phenomenological Psychology, understood as a rigorous discipline that seeks to restore scientific inquiry to its original foundation in lived experience. Beginning with Husserl's critique of the crisis of modern sciences, it is argued that psychology, by taking psychic life as a natural and self-evident given, falls into the same methodological naïveté that marks positivism, failing to reflect on the very conditions that make knowledge possible. Phenomenology, through the eidetic and phenomenological-transcendental reductions, returns investigation to experience as the constitutive nucleus of meaning, allowing a distinction between the physical object and the object as perceived, and establishing intentionality as the fundamental structure of consciousness. Within this framework, Husserl differentiates between psychic and spiritual experiences, rejecting the characterization of psychology as a "science of spirit" and defining it instead as a descriptive and reflective science of consciousness. The Final Considerations discuss contemporary attempts to convert phenomenological psychology into a psychological theory or psychotherapeutic approach, a move that often results in conceptual reductionism and anachronistic interpretations of phenomenological philosophy, as if Husserl had formulated his analyses with clinical application in mind. Although authors such as Binswanger and Jaspers established rigorous dialogues between phenomenology and clinical practice, Husserl did not conceive phenomenological psychology as a therapeutic technique but as a moment within a broader philosophical investigation of transcendental subjectivity. It is concluded that, while distinct from modern psychology and clinical practice (psychology as profession), Husserl's phenomenological psychology can offer significant contributions to the science of psychology when pursued with philosophical and methodological rigor.

Key-Words: Phenomenology; Phenomenological Psychology; Husserl; Crisis.

Introdução

Edmund Husserl (1859-1938), matemático e filósofo alemão, acusa a ciência de padecer dos males da ingenuidade. Em seu aspecto ingênuo e espírito de triunfo e progresso, a ciência vivencia uma crise (*krisis*). Mas como é possível falar-se em 'crise' de uma ciência que conquista marcos e avanços imensuráveis desde os tempos de Husserl e com especial efervescência no século XXI?. Expressa Husserl:

En nuestra indigencia vital —oímos decir— nada tiene esta ciencia que decirnos. Las cuestiones que excluye por principio son precisamente las más candentes para unos seres sometidos, en esta época desventurada, a mutaciones decisivas: las cuestiones relativas al sentido o sinsentido de esta entera existencia humana. (HUSSERL, 1976/1991, p. 6)¹

¹ "Em nossa pobreza vital – ouvimos dizer – esta ciência nada tem a nos dizer. As questões que ela exclui por princípio são justamente as mais cruciais para o sujeito, nestes tempos infelizes, a mudanças decisivas: as questões relativas ao sentido ou falta de sentido à existência humana como um todo" (tradução nossa).

Husserl (1976/1991) expande a questão, lançando luz sobre a afirmação da crise quando, em efeito, o modo de se autopropor seus objetivos, tarefas e o estabelecimento de um método (isto é, a cientificidade genuína), falham e se tornam problemáticos. Constata-se a crise não pelos seus resultados, que são promissores, mas pela fragilidade de seu método sobretudo referindo-se às ciências positivistas. Husserl continua alegando que o caráter científico, a evidência de seus resultados teóricos e o êxito longamente irrefutáveis dessas ciências estão fora de discussão. Goto (2008) explica que tal citação do fenomenólogo diz respeito a não valorização da ciência positivista das questões que se referem à subjetividade.

Acerca da ingenuidade da ciência, Husserl (2009) divide o fundamento da ingenuidade em duas partes: a pressuposição da razão pelo “homem natural e racional” e a total dependência da filosofia para o fornecimento das premissas da ciência, apesar da desconsideração da historicidade filosófica. A respeito da pressuposição da razão, Husserl mostra que a ingenuidade está pela não consciência de que pressupor a razão, é pressupor um mundo pré-dado (*vorgegeben*), a qual está condicionada às possibilidades do alcance da sensibilidade. Como se o conhecimento da verdade incondicionada do mundo, sendo esse conhecimento realizado num mundo dado em si mesmo como finalidade universal do conhecimento, conhecesse todas as possibilidades universais dos fenômenos, pressupondo que aquele que faz a ciência, é racional e maduro o suficiente para conhecê-lo. Ales Bello (2022) se refere à crítica de Husserl da pressuposição da razão como o “processo da simbolização”, cego em sua impossibilidade de realizar a transvaloração dos signos, restringindo a ciência ao seu escopo racional-cognitivo que produz uma articulação instrumentalizada e unilateral da ciência, como se dá nas ciências positivistas. Já a respeito da desconsideração da historicidade filosófica pela ciência, Husserl (2009) diz que “Eu vejo a ingenuidade no fato de o cientista não levar em conta em sua tarefa a historicidade como algo que essencialmente a acompanha”. Seu apontamento não repousa na ausência da ‘manualização’² da história da ciência, mas pelo descolamento da disciplina histórica como fundamental àquilo que se reflete na construção do empreendimento científico. O interesse nos processos históricos que formaram o imaginário filosófico da ciência é, por sua vez, secundário e insignificante

² Termo intencionalmente designado para referir-se à produção em massa de manuais e protocolos na tentativa de unificar a ciência. Em especial na Psicologia, tal fenômeno se dá na investigação da história da psicologia e também nas práticas psicológicas.

por não produzir a criticidade e o direcionamento que a filosofia produziria em seus sentidos. A tecnicidade da ciência moderna surge com a desvalorização e menosprezo com o que a ciência já pensou no passado, o que reverbera os efeitos de uma ciência irrefletida em seus signos, isto é, na operação de uma ciência cuja suas palavras são esvaziadas dos significados originais e próprios.

Dada a natureza da crise e da ingenuidade da ciência, a Psicologia surge no pensamento de Husserl como uma disciplina especialmente afetada pelos efeitos supracitados. Husserl (2009) diz acerca da Psicologia, que seu cientista (o psicólogo) paradoxalmente tematize a razão [e a não-razão], enquanto a pressupõe. O psicólogo investiga acerca, por exemplo, da imaginação humana e de tudo aquilo que se alega como verdadeiro e racional, mas por ser psicólogo, precisa pressupor que o ser humano possui imaginação e que está na sua razão, a garantia da verdade. Há uma dúvida contingente à essa conclusão expressa por Husserl: que direito e que possibilidade tem o psicólogo de afirmar que é um cientista racional, autêntico?

O presente texto se dedica à essa pergunta de Edmund Husserl a partir de suas próprias repostas. Segundo Goto (2008) a análise do psíquico, dos atos mentais, surge na investigação husserliana como entendimento de que a racionalidade, isto é, a razão presente na ciência não pode surgir como seu produto e sim como seu fundamento. A Psicologia recebe a atenção da investigação husserliana por seu caráter fundante de uma ciência que não padece os efeitos da crise e da ingenuidade. Antes, é refletida em seus fundamentos, sentidos e significados, de modo que seus fenômenos analisados são conhecidos e intuídos. A essa analítica-reflexiva de Husserl, dá-se o nome de fenomenologia. A Psicologia Fenomenológica, enquanto disciplina fundante da reflexão, será investigada em seus fundamentos basilares conforme proposta pelo fenomenólogo.

Metodologia

Este trabalho segue uma abordagem qualitativa e bibliográfica, com base na fenomenologia de Edmund Husserl (1859–1938). A investigação se desenvolve a partir da leitura e análise de textos originais do autor e de intérpretes que tratam dos fundamentos da Psicologia Fenomenológica. A seleção de autores especialistas seguiu por uma via de proximidade com o pensamento husserliano conhecido como “realismo transcendental”.

É importante destacar que, apesar da recomendação metodológica de utilizar referências com menos de 10 anos, isso não é totalmente possível neste caso. Husserl é um autor clássico e histórico, e seus textos fundamentais foram escritos no início do século XX. No entanto, seu pensamento continua atual e essencial para compreender a proposta fenomenológica da Psicologia, sendo constantemente reeditado e debatido por autores contemporâneos. Tais autores contemporâneos foram amplamente consultados no presente trabalho como Goto (2004, 2008), Penna (2006) e Ales Bello (2004, 2020, 2022). A seleção das obras de Edmund Husserl se deu a partir do modo de investigação dos autores comentadores de suas obras.

Dada a extensão e ainda infinda tradução dos manuscritos de Edmund Husserl, tal qual a constante atualização das suas publicações através dos volumes da '*Husserliana*' – *Archiv Husserl*/K.U. Leuven, se dá a necessidade de delimitar a escolha de quais obras serão selecionadas e a partir de qual critério hermenêutico serão lidas. No presente trabalho, foram consideradas especificamente as leituras e critérios das obras sobre Husserl feitas pelo psicólogo Tommy Akira Goto e pelos filósofos Julio Fragata e Angela Ales Bello.

Assim, o uso dessas fontes se justifica pela própria natureza do tema e pela necessidade de recorrer aos fundamentos originais da fenomenologia e da psicologia fenomenológica a partir de um recorte específico.

Discussão

"Psicologia Fenomenológica" por muitas vezes vem sendo assumida como um termo guarda-chuva para diversas teorias psicológicas e abordagens psicoterapêuticas as quais se reputariam a uma espécie de método fenomenológico que, em detrimento das muitas diferenças entre si, ainda assim reivindicam o termo "fenomenológico". (Ales Bello, 2020; Goto, 2008). Cabe, portanto, entender a "psicologia fenomenológica" em termos husserlianos, isto é, segundo o que se propõe no âmbito formal (e não cronológico) do desenvolvimento da disciplina.

Edmund Husserl, como matemático e posteriormente filósofo, não inicia sua conceituação de "psicologia" como um psicólogo ou filósofo. Antes, sua formação se dirige à aritmética e lógica como áreas iniciais de pesquisa (Fragata, 1959; Goto, 2004, 2008; Penna, 2006). Nos anos de 1900/1901 com a publicação das *Investigações Lógicas* ("*Logische Untersuchungen*"), a problematização em torno da relação entre os atos da consciência e a natureza do número evidenciou, para Husserl, a

necessidade de uma disciplina rigorosa o suficiente para lidar com os fenômenos tais como se mostram à consciência, e o que isso produz de descrições acerca da essência dos mesmos. Evidentemente, não teremos tempo para tratar a revolução que as *Investigações Lógicas* produziram (Ales Bello, 2022), e a controvérsia em torno do problema “realismo-idealismo” (positivismo-psicologismo, respectivamente) e as acusações de “idealismo/neo-kantismo” dirigidas à Husserl³. Fato é que, a partir da estruturação prévia de um método fenomenológico (em seu sentido eidético) e a problematização em torno dos fundamentos do conhecimento do mundo, Husserl dirige-se ao campo o qual jamais saíra: a experiência e sua respectiva análise rigorosa.

Ao dirigir-se intencionalmente à esfera da consciência, Husserl se depara com a Psicologia enquanto disciplina emergente. É precisamente esse cenário crítico que abre espaço para a reformulação da Psicologia, entendida não apenas como “ciência empírica” (ou puramente idealista), mas como disciplina fundante do próprio projeto de racionalidade científica. Cabe a observação acerca da disputa da “psicologia” no final do século XIX e início do XX, sendo essa, uma ciência que concorre espaço acadêmico de financiamento, crítica e considerações para diversos campos do conhecimento e, tal qual os respectivos campos, padece dos atravessamentos epistemológicos e metodológicos históricos (Ales Bello, 2004, 2020; Husserl, 1927-1935/2022; Goto, 2008). A respeito de tal ambiente, Angela Ales Bello (2020) comenta:

De fato, é algo preliminar proceder para liberar o campo da pesquisa dominante no final do século XIX em toda a Europa e certamente muito presente na Alemanha, isto é, aquele próprio do positivismo. [...] O “fato” constituía, segundo a mentalidade positivista, o ponto de partida para qualquer pesquisa [...]. Mas, se o fato era considerado como ponto de partida no âmbito da filosofia, traía-se o significado mesmo da investigação filosófica, que sempre mira **no sentido do fato** e não simplesmente na constatação factual (p. 20, grifo nosso).

Em suma, a ciência [positivista] (aqui, a psicologia) poderia nos mostrar os fatos, mas não o sentido dos mesmos. O problema em questão, retorna-se a questão dos fundamentos, do sentido, da essência dos fatos. Dá-se assim o início da primeira etapa do método fenomenológico: a redução eidética (Ales Bello, 2004; Fergata, 1959; Goto, 2008), isto é, a fenomenologia como *ciência das essências*, uma ciência de “*eidos*”.

³ Cf. Ales Bello, 2019; Fergata, 1959; Husserl, 1913/1962, p. 210-238.

Ao discutir acerca da redução eidética, fica evidente que Husserl não está interessado em negar o mundo, mas em retornar ao modo como ele aparece para nós. A *epoché*, nesse sentido, não é uma fuga da realidade, mas um gesto de abertura — um espaço onde, como o próprio Husserl sugere, o fenômeno pode mostrar-se tal como é para a consciência (Husserl, 1913/1962). Quando suspendemos nossas certezas espontâneas, começamos a perceber que o conhecimento não vem de forças externas que atuam sobre nós, mas brota da própria vida intencional. Ales Bello (2004) lembra que, ao “pôr entre parênteses a atitude natural”, não estamos empobrecendo a experiência, mas permitindo que a sua essência (*eidos*) venha à tona. Reduzir, portanto, não é diminuir: é voltar ao terreno onde o sentido nasce. Nesse horizonte, a Psicologia — pensada fenomenologicamente — deixa de perseguir causas e explicações para estados internos e passa a, segundo Goto (2008), descrever os atos da consciência em sua correlação com o mundo. Assim, o vivido (*Erlebnis*) deixa de ser tratado como mais um dado empírico e volta ao lugar que lhe é próprio: o de fundamento de toda significação da experiência.

Se a redução eidética permite que o fenômeno seja compreendido em sua estrutura essencial (*eidos*), ainda permanece um passo que Husserl considera decisivo para realizar a radicalização da análise fenomenológica: dirigir o olhar para o próprio sujeito que experiencia. Como observa Ales Bello (2004), uma fenomenologia que se detém apenas nas essências corre o risco de permanecer “suspensa” se não retornar ao centro de onde todo sentido é conferido — ou seja, a subjetividade que vive e constitui o mundo. É nesse movimento que surge a redução fenomenológica propriamente dita, que aprofunda a *epoché* e não apenas descreve o *eidos* do vivido, mas suspende também a crença na existência do mundo natural enquanto fundamento último, permitindo chegar ao “eu (sujeito) que vive a experiência”. Não se trata de separar sujeito e mundo, mas de reconhecer, como Husserl insistia, que o mundo só se torna mundo “para alguém”.

Para chegar ao questionamento acerca do sujeito que conhece, a reflexão aritmética novamente o implicou para a, ainda confusa, ciência da psicologia. Visto que nem tão somente a realidade concreta foi o ponto de partida de Husserl, como fariam os positivistas-racionalistas, tampouco a mera experiência psíquica (inicialmente), como sugeririam os psicologistas-idealistas, o filósofo alemão dirigiu-se ao ponto que seria o ponto de acesso ao sujeito, isto é, o ato perceptivo (Ales Bello, 2004, 2019, 2020, 2022).

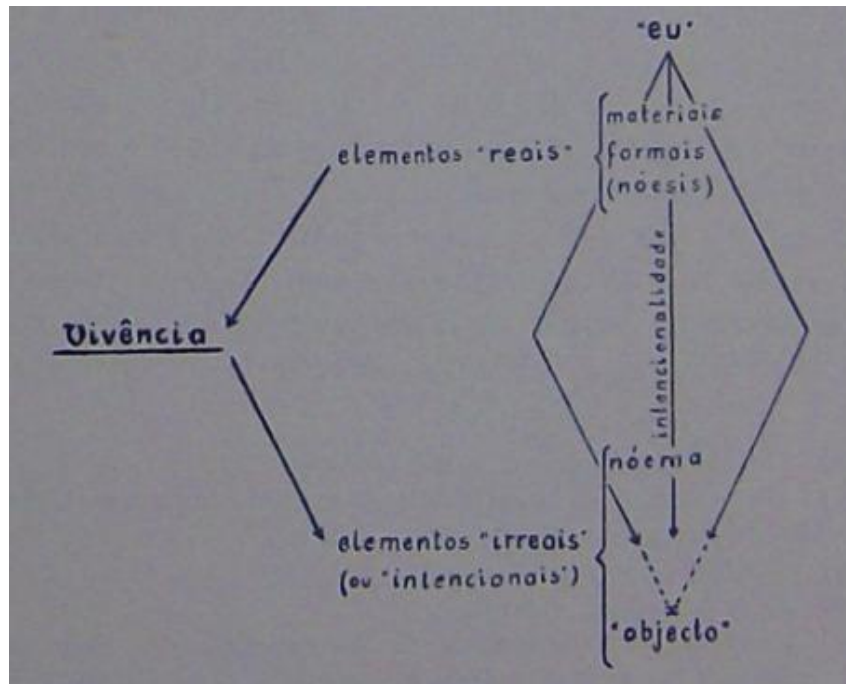
A transição entre as duas reduções marca, assim, o passo da descrição da essência dos fenômenos para o estudo radical de como eles se dão na consciência, conduzindo a psicologia fenomenológica ao seu solo mais próprio: o da subjetividade transcendental que constitui e dá sentido ao real (Ales Bello, 2004; Husserl, 1913/1962).

Tal conceituação do problema da consciência transcendental, isto é, do “eu que conhece” é feita por Fragata (1959) incorrendo entorno da histórica cisão filosófica entre “[1] transcendência e [2] imanência”. Diz o filósofo:

[1] O ser do mundo exterior, para o qual estamos naturalmente orientados, que transcende a consciência», os fenômenos, e por isso é caracterizado como transcendente; [2] O mundo interior ou do ser imanente no seu sentido radical, para o qual nos devemos orientar *como filósofos*, e que é chamado transcendental (p. 9).

No atual estado da investigação fenomenológica, a cisão entre o realismo positivista e o idealismo psicologista há de ser superada, tendo em vista o retorno ao ato perceptivo como dado originário da consciência e sua implicação para a concepção de um “eu transcendental”. É nesse contexto que Husserl introduz a estrutura intencional da vivência, que sempre se dá como correlação entre um ato que visa e algo visado. Husserl denomina essa polaridade de *noese* e *noema*: a noese refere-se ao modo como a consciência realiza o ato (perceber, imaginar, desejar, lembrar etc.) em seu sentido interno e imanente, enquanto o noema corresponde ao conteúdo tal como é dado à consciência nessa experiência, em seu sentido externo e transcendente (Figura 1).

Figura 1. As esferas “Imanente e Transcendente” das vivências.



Fonte: Fragata, 1959.

Como explica Ales Bello (2004), trata-se de reconhecer que “a consciência é sempre consciência de algo”, e que aquilo que aparece não é uma “coisa em si”, mas o fenômeno enquanto aparece para alguém. Goto (2008) destaca que essa distinção não descreve duas entidades separadas, mas “a unidade fundamental da experiência vivida”, que só pode ser compreendida a partir dessa relação dinâmica e inseparável entre ato e objeto. Assim, o mundo, longe de ser algo fechado em si mesmo, se revela na exata medida em que se mostra ao sujeito que o experimenta. (Ales Bello, 2004, 2020; Husserl, 1913/1962, 1927-1935/2022).

Resumindo, a partir das palavras de Goto (2008, p. 66), acerca do fenômeno como o dado da consciência “[...] sendo presença à consciência, por essa ser fundamentalmente intencional existindo como consciência de algo e sendo sempre consciência de.”

Ao chegar ao sentido próprio das vivências da consciência, Husserl, influenciado por Brentano, faz uma análise a qual estabelece distinção entre vivências psíquicas e vivências espirituais (Ales Bello 2004, 2019, 2020, 2022; Husserl,

1913/1962, 1927-1935/2022; Goto, 2004, 2008), e aqui se tem um importante marco para a concepção de uma “psicologia fenomenológica”. Com essa diferenciação elementar, Husserl produz crítica a um dos teóricos que também reputa, o filósofo alemão Wilhelm Dilthey (1833-1911), que entende a psicologia como “ciência do espírito” (*Geisteswissenschaften*)⁴. A Fenomenologia de Husserl (e posteriormente Edith Stein) não dispensa, necessariamente, classificação formal das disciplinas tal qual Dilthey estabelece (*Naturwissenschaften* e *Geisteswissenschaften*). Entretanto, ao entender a psique (*Psyche*) e suas respectivas vivências como aquelas que se dão de modo não-querido/não-desejado (portanto, involuntárias) e o espírito (*Geist*) e suas vivências como sendo voluntárias, volitivas, reflexivas e, portanto, propriamente humano, a Psicologia não poderia mais ser compreendida como uma “Ciência do Espírito”⁵. Ales Bello (2020, p. 38) descreve uma breve definição husserliana de “psique” como sendo entendida “[...] em modo sempre mais conectada com o corpo ou mantém sua autonomia; no primeiro caso, liga-se estreitamente à fisiologia, como acontece em Wundt, e no segundo possui características próprias [...]”, essa seria a posição de Franz Brentano e Edmund Husserl. Apesar de Husserl não se desvencilhar totalmente da classificação de Wilhlem Dilthey, como bem expressa Ales Bello (2020, 2022), há uma complexa relação de crítica e diálogo aqui implícita entre os dois filósofos e suas concepções de ‘ciências’ (*wissenschaften*), a qual seu desenvolvimento mais aprofundado se prolonga para além dos fins do presente trabalho.

Ressalta Ales Bello (2019) que, acerca da especificidade da Psicologia, a mesma só pode surgir na relação com a fundamentação de uma Antropologia Fenomenológica. Diz a autora:

A análise antropológica husserliana pretende, ao contrário, mostrar - e de fato mostra - que por meio de tipos particulares de *Erlebnisse* é possível indicar a qualidade de tal atividade, diferente daquela corpórea e daquela psíquica. Mas isso é possível por meio de uma pesquisa cognitiva de tipo filosófico, como a fenomenológica. (p. 30)

⁴ A compreensão da relação entre a Psicologia e uma Ciência do Espírito se tornou tema relevante para a fenomenologia não só para Husserl, mas também para sua discípula Edith Stein. A filósofa alemã faz, em determinada etapa da sua formação, uma descrição antropológico-fenomenológica densa e rigorosa, e com tal descrição, há uma elucidação da Psicologia em sua relação com o “espírito” (*Geist*) enquanto unidade propriamente humana e envolvida no processo formativo da pessoa humana. A subordinação formativa das vivências psíquicas em detrimento das vivências espirituais é evidência de que, sem o esclarecimento da análise fenomenológica acerca das distinções vivenciais, a Psicologia se perde em sua confusão conceitual-metodológica. Cf. Ales Bello, 2004, 2015, 2020; Stein, 2024.

⁵ Cf. Angela Ales Bello (2022). Husserl e as Ciências, p. 179-184.

Dessa distinção, segue-se que a psicologia, em Husserl, não tem por tarefa compreender os produtos espirituais da humanidade – cultura, valores, instituições, ciência –, mas dedicar-se à descrição rigorosa das vivências psíquicas enquanto se dão à consciência, em sua correlação intencional com o mundo. Trata-se, como lembra Ales Bello (2004), de uma ciência que “tem por objeto o vivido enquanto vivido”, tomando a experiência subjetiva como aquilo no qual o sentido primeiro aparece (e não como se delibera ou reflete, por exemplo). A psicologia fenomenológica não é, portanto, ciência do espírito, mas ciência dos atos da consciência, descrevendo como “cada vivência é sempre vivência de algo” (Husserl, 1913/1962), e como esse algo se mostra no fluxo consciente da experiência. Goto (2008) observa que ela não busca leis causais ou explicações externas como propunham os modelos positivistas, por exemplo, de Wilhelm Wundt. Mas esclarece os modos como mundo e sentido se constituem para o sujeito, chegando a uma definição de psicologia fundada na própria experiência originária, anterior a qualquer objetivação teórica: uma ciência eidética da vida de consciência, da vida psíquica (isto é, da subjetividade).

Em sua obra intitulada “*Crise das Ciências Europeias e a Fenomenologia Transcendental*” (1976/1991)⁶ Edmund Husserl dedica um parágrafo ao problema da “psicologia fenomenológica” enquanto sua concepção como ciência (§70. *As dificuldades da abstração psicológica*). Husserl cita um exemplo, que seria quando, costumeiramente, dizemos que “a árvore está ardendo” quando nos referimos a uma árvore em chamas – isto é, a árvore está percebida como “em chamas”. Entretanto, a “árvore percebida” – isto é, a árvore tal como aparece na vivência da consciência – não pode arder. Seria um contrassenso afirmar que um conteúdo puramente intencional, que é um modo de aparecer para um eu, possa sofrer alterações físicas. Neste caso, é preciso distinguir entre a árvore como corpo físico e a árvore enquanto fenômeno da percepção. A primeira pode queimar; a segunda não, pois pertence ao domínio imanente da experiência e só existe enquanto vivida por um sujeito consciente. Após o exemplo, Husserl (1976/1991) explica sua relação com a psicologia quando diz:

O psicólogo, na medida em que se mantém numa descrição pura, tem como únicos objetos simplesmente os ‘eus-sujeitos’ e o que

⁶ Tal obra, inacabada, é composta por escritos frutos de suas conferências em Viena no ano de 1935. Como ressalta Azevedo (2010, p.10), “o texto encontrou ocasião de ser elaborado a partir de um convite que Husserl recebera para realizar uma conferência no “Wiener Kulturbund”, a qual se realiza em Viena aos 7 de maio de 1935. O acolhimento foi tal que, sob solicitação geral, Husserl repete-a em 10 de maio. A conferência de Viena foi intitulada “A filosofia na crise da humanidade europeia”.”

"nestes" mesmos eus-sujeitos (mas, então, só epoché) é experienciável como o seu imanente próprio, para, então, tema de um trabalho científico subsequente. Todavia, ele não encontra aí somente, em toda parte, intenções, mas, correlativamente, nelas contidos, numa maneira essencial e inteiramente sui generis do "estar contido": encontra, então, os "objetos intencionais". (p. 196)

Ou seja, o psicólogo (um sentido fenomenológico) só pode descrever aquilo que aparece à consciência do sujeito, tomando como objeto apenas o que é vivido em primeira pessoa. E, ao analisar essas vivências, ele não encontra apenas atos da consciência, mas também os objetos intencionais aos quais esses atos sempre se dirigem.

Chega-se, portanto, na 'psicologia fenomenológica' como sendo uma nova compreensão de "psicologia". Uma distintamente distante da "psicologia racional" (que se perde em sua própria atitude natural e não pode descrever a subjetividade (psíquica) em sua plena relação com o eu-transcendental, isto é, a subjetividade transcendental (Ales Bello, 2020; Goto, 2008). Isso porque a redução transcendental é a redução que permite atingir a evidência de um campo fenomenológico-psicológico propriamente dito. Acerca desse estatuto da Psicologia Fenomenológica, Goto (2008) elucida que:

[...] as análises da psicologia fenomenológica se diferenciam das análises fenomenológicas, porque se dirigem exclusivamente à vida intencional real da consciência, cujo trabalho está em descrever com rigor o caráter intencional das vivências da consciência, as maneiras como elas se constituem intencionalmente tanto de forma física quanto de forma ideal e, por fim, os modos típicos como essas formas são intencionalizadas na vida da consciência psíquica. (p.234)

O que o autor está se referindo é sobre a especificidade fundante da psicologia fenomenológica, não como teoria psicológica, mas como etapa destinada a "vida intencional da consciência [psíquica]". A psicologia fenomenológica seria, portanto, uma "ante-sala" da fenomenologia (Ales Bello, 2020; Goto, 2008), que esclarece a subjetividade psíquica enquanto essa dotada de um "eu-empírico". O "eu-empírico" (ou "eu-psicológico", da consciência em seu mundo) em um nível transcendental-fenomenológico é descrito em sua subjetividade transcendental, portanto, fundado em seu mundo-da-vida (*Lebenswelt*) (Goto; 2008; Husserl, 1976/1991). Sendo assim, portanto, a Psicologia Fenomenológica e a Fenomenologia Transcendental são duas ciências paralelas, porém, distintas.

Considerações finais

A tentativa de transformar a Psicologia Fenomenológica em uma teoria psicológica e em uma possível psicoterapia fenomenológica, como apontam autores estudiosos da fenomenologia husserliana (Ales Bello. 2019; Goto, 2008), vem ocorrendo na psicologia sob diversas formas. Desde formas de articular a análise fenomenológica das vivências psíquicas como uma “teoria psicológica” no sentido que colocam os manuais (em sua maioria americanos), até a articulação do método fenomenológico como método clínico (ex: “redução eidética” como suspensão dos julgamentos e preconceitos por parte do psicoterapeuta). O segundo exemplo, por vezes buscando *insights* de filósofos fenomenólogos para atuação clínica, procura diretamente inferir análises dos processos de “escuta e fala” em psicoterapia, tanto do cliente quanto do psicoterapeuta.

Um exemplo de proposta de “psicologia clínica fenomenológico-existencial” encontra-se na clássica obra “A Escuta e a Fala em Psicoterapia” da professora brasileira Dra. Ana Maria Lopez Calvo do Feijoo (2000).

Tal proposta trata o pensamento dos filósofos como se, ao pensarem suas filosofias, estivessem com uma “psicoterapia” em mente, o que seria anacrônico e hermeneuticamente inapropriado visto que imprime sobre a obra desses filósofos, elementos clínicos recentes que nunca estiveram ali. Quando não, sintetizar a magnitude de um pensamento à conceitos clinicamente relevantes para a atuação em psicologia clínica. Observa-se também a presença de confusões conceituais entre “fenomenologia” e as filosofias da existência, o assim denominado “existencialismo”.⁷

À luz do resgate da Psicologia Fenomenológica tal qual propõe Edmund Husserl, se evidencia não apenas o equívoco conceitual de tais empreendimentos psicológicos e psicoterapêuticos, mas também um diametral reducionismo da complexidade filosófico-metodológica do pensamento de Edmund Husserl ao estabelecer a “psicologia fenomenológica” como parte de uma investigação maior, a qual transcende os limites da psicologia enquanto ciência e profissão. Limites esses que, por mais que nem sempre claros e definidos, são ainda circunscritos ao projeto científico (num sentido positivista) de sistematização das disciplinas e suas possibilidades interventivas diversas (Goto, 2008).

⁷ Para elucidação entre as distais diferenças entre “fenomenologia” e “existencialismo”, cf. Goto, 2004 e Ales Bello, 2004, cap. 8.

Ressalta-se, contudo, que desde o início da história da fenomenologia, a clínica “psi” (psiquiátrica, psicopatológica e, posteriormente, psicológica) já se interessava em articular-se e implicar-se analiticamente no rigor das análises antropológicas e de diversas outras ordens as quais a fenomenologia já produzia em toda sua amplitude enquanto movimento intelectual. Em outras palavras, o cuidado das múltiplas clínicas “psi” passaram a considerar a fenomenologia e suas implicações desde cedo. Como evidencia Ales Bello (2019), nomes como Binswanger, Karl Jaspers e mais recentemente Giordano Bruno são alguns dos clínicos que buscaram analisar, a partir da fenomenologia, elementos do processo psicoterapêuticos e experiências psicopatológicas, o que apontam para uma possibilidade rigorosa de articulação entre “clínica e fenomenologia”, entretanto no campo analítico-reflexivo e não clínico-experiencial⁸.

Pensar “como ocorreu a articulação entre fenomenologia e clínica” por parte desses autores, tanto no campo da psicoterapia quanto na psicopatologia, se trata de uma condição para estudos posteriores. Dada a complexidade e distância histórica e linguística, reducionismos e simplificações podem ser facilmente cometidos. Portanto, restringe-se à presente conclusão de que: apesar da “Psicologia Fenomenológica” se tratar de uma disciplina dentro de um grande escopo da investigação husserliana, e não de uma teoria ou abordagem clínica, historicamente houveram os que procuraram aproximações que levassem em consideração essa nova ciência em suas práticas clínicas.

Conclui-se, portanto, que a Psicologia Fenomenológica tal como propõe Edmund Husserl apresenta uma análise rigorosa das vivências psíquicas, e que não se restringe ao fim em si mesma, mas estabelece uma etapa de um grande escopo analítico-reflexivo. Tal grande escopo, apesar de sua distinção da “psicologia” enquanto ciência moderna, se implica e produz possíveis análises de grande valia para a Psicologia quando levado adiante em seu rigor filosófico-metodológico.

Referências

ALES BELLO, A. (2004). **Introdução à Fenomenologia**. Bauru: EDUSC, p. 106

⁸ Um outro importante nome, mas não citado por Ales Bello é o do Dr. Jan Hendrik van den Berg, psiquiatra, psicoterapeuta e psicopatólogo holandês. A contribuição de Van den Berg para o atual ponto da discussão demandaria mais espaço e tempo. O mesmo se aplica à Medard Boss, Alice Holzhey-Kunz (*daseinsanalyse*) e à proposta reducionista de Amadeo Giorgi, que tem sido articulada à prática clínica tida “fenomenológica-humanista-existencial” nos Estados Unidos da América.

- _____ (2019). **O Sentido das Coisas**. São Paulo: Paulus. p. 195.
- _____ (2015). **Pessoa e Comunidade**: comentários “Psicologia e Ciências do Espírito” de Edith Stein. Belo Horizonte: Artesã Editora, p. 160.
- _____ (2020). **O Sentido do Humano**. São Paulo: Paulus, p. 195.
- _____ (2022). **Husserl e as Ciências**. São Paulo: Livraria da Física, p. 210.
- AZEVEDO, Enrico de Lima (2010). **"A crise das ciências européias e a fenomenologia transcendental" de Edmund Husserl**: uma apresentação. 2010. Dissertação (Mestrado em Filosofia) – Faculdade de Filosofia, Comunicação, Letras e Artes, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2010.
- FEIJOO, A. M. L. C. (2000). **A escuta e a fala em psicoterapia**: uma proposta fenomenológico-existencial. São Paulo: Vetor, p. 195.
- FRAGATA, Júlio (1959). **A fenomenologia de Husserl**. Livraria Cruz: Braga, p. 35.
- HUSSERL, Edmund. (1913/1962). **Ideas Relativas a una Fenomenología Pura y una Filosofía Fenomenológica**. Mexico: Fondo de Cultura Económica, p. 522.
- _____ (2009). **A Ingenuidade da Ciência: Die Naivität der Wissenschaft**. São Paulo: Scientiæ Zudia. v. 7, n. 4.
- _____ (1976/1991). **La Crisis de las Ciencias Europeas y la Fenomenología Transcendental**. Barcelona: Editorial Critica, p. 358.
- _____ (1927-1935/2022). **Psicologia Fenomenológica e Fenomenologia Transcendental**. Petrópolis: Vozes, p. 238.
- GOTO, Tommy A. (2008). **Introdução à Psicologia Fenomenológica: a nova psicologia de Edmund Husserl**. São Paulo: Paulus, p. 251.
- _____ (2004). **O Fenômeno Religioso: a fenomenologia em Paul Tillich**. São Paulo: Paulus, p. 164.
- PENNA, Antônio Gomes (2006). **Os Filósofos e a Psicologia**. Rio de Janeiro: Imago, 236 p.
- STEIN, Edith (2024). **A Estrutura da Pessoa Humana**. Curitiba: Editora Cântico, p. 227.